



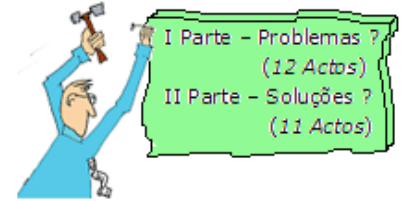
Nelson Trindade

Edição SocioSistemas
www.sociosistemas.com



Lupa sobre a democracia _ Acto 13

... ..não guiar pelo espelho retrovisor....

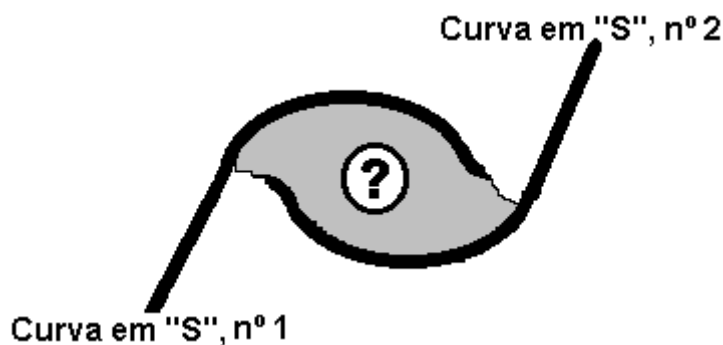


Há épocas em que as decisões são centradas no JULGAMENTO do que aconteceu, espreitando o futuro. Há outras que devem ser centradas no DESIGN do que vai acontecer, mantendo os olhos no passado.

Sáímos do “you must” (tem que), para o “you can” (pode fazer), depois para o “you may” (pode ser) e agora é o tempo de “what ...if” (o quê...se?)

***A forma mais prática para chegar onde não se deseja é:
caminhar preocupado com aquilo de que se afasta, e
não se preocupar com aquilo de que se aproxima.***

Retomando o esquema da fase de transição descrito em [Lupa sobre a democracia _ Acto 12](#):



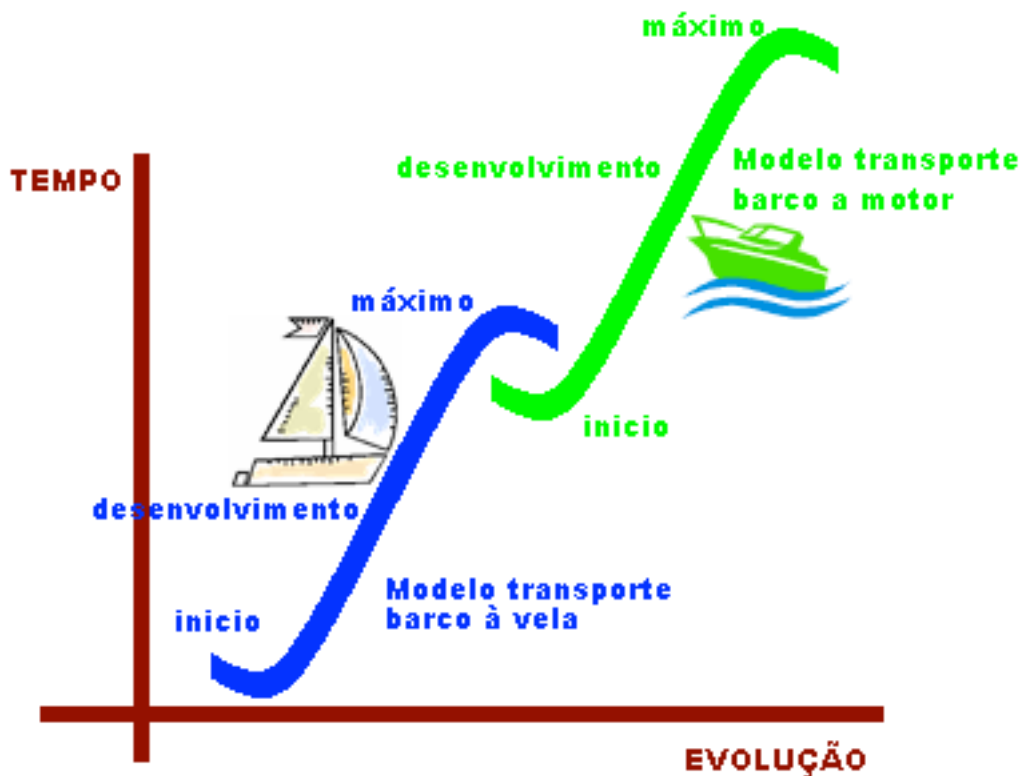
dois problemas podem acontecer em função das decisões que na altura se tomem:

- 1º— o que acontecerá a um sistema social que, seguindo a evolução da curva em *ésse* nº1, não mude de modelo e não passe para a forma expressa pela curva em *ésse* nº 2?
- 2º—mas, em alternativa, se o sistema social *passar* para o outro modelo (curva em *ésse* nº 2), como se processa essa mudança? Por outras palavras, quais são as características da zona de transição, representada, no esquema anterior, pela área cinzenta entre as duas curvas.¹

¹- Aqui, existe exactamente a dinâmica dos sistemas caóticos, numa fronteira fluida entre a estabilidade e a instabilidade, num redesenhar de certezas e incertezas, num desequilíbrio equilibrado ... *onde a vida floresce.*

Neste capítulo analisar-se-á apenas a primeira questão, sendo a segunda analisada no capítulo seguinte, *...morreu o consenso, viva o dissenso ...*

Mantendo a representação da mudança segundo o modelo das curvas em *ésse*, uma alteração social pode ser representada por duas curvas *encaixadas*. Ou seja,



em que as propostas apresentadas por cada modelo funcionam como uma **Imagem Criadora de Futuro (ICF)**, que orienta e pressiona o sistema social a seguir por um determinado caminho, a fim de concretizar essa mesma **Imagem de Futuro**.

Após a convulsão inicial resultante da implantação do novo modelo, quando ele já está ratificado no sistema social, a fase seguinte é normalmente uma fase calma, *feliz*, onde o futuro é claro e sem incertezas, em que o único problema é tentar aperfeiçoar e tornar cada vez mais eficaz o modelo adoptado. É a zona de *desenvolvimento* da curva em *ésse*.²

Ao fim de algum tempo, o desenvolvimento possível atinge o seu máximo e estabiliza, aí continuando até que as circunstâncias se alterem, e, então, consoante a existência de factores de melhoria ou de inadequação, poderá aperfeiçoar-se ou regredir. Em qualquer dos casos, o aparecimento de uma outra alternativa (nova curva em *ésse*) começa a ser viável.

No exemplo apresentado, quando, devido a alterações no contexto e/ou nas condições de funcionamento, o “farol” existente (*barco à vela*) deixou de ser operacional e foi **necessário optar** por outro “farol” (*barco a motor*), mudando deste modo a evolução de curva em *ésse*.

Na verdade, uma *Imagem Criadora de Futuro*, orientadora de uma curva em *ésse*, funciona como uma espécie de **farol** que, de longe, indica para onde e como se deve ir.

Todavia, um determinado sistema social, apesar do processo de regressão originado na desadaptação do modelo vigente, poderá não alterar o seu percurso, mantendo-se fiel ao

²- No caso dos barcos à vela, é a época do seu sucessivo aperfeiçoamento (piroga à vela, caravela, nau, galeão, clipper, etc).

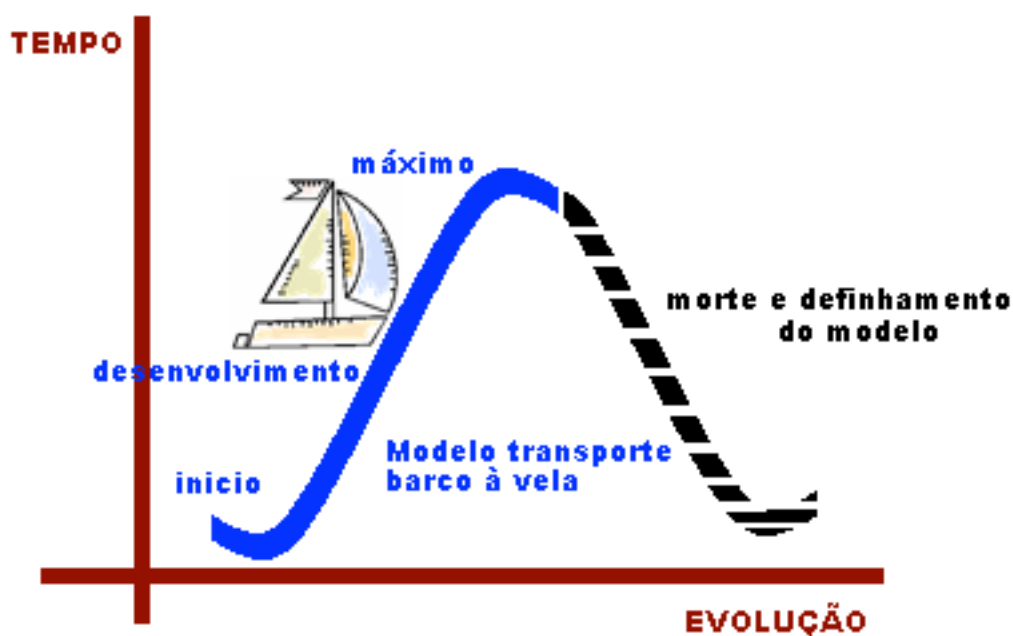
modelo antigo. Neste caso, continuará a caminhar ao longo da curva vinda do passado, obedecendo às suas orientações.

Então, o que faz um sistema social depois de alcançar o topo de um curva, e quando o modelo já não responde aos problemas existentes, se não passar para outra curva em *ésse*?

O que vai acontecer, é essa sociedade continuar a seguir o modelo existente (aceite e desejado pelo colectivo) caminhando ao longo da *estrada* habitual: a curva em *ésse* seguida até aí.

Porém, ultrapassado o topo, o caminho já não é de progresso, mas de *retrocesso*. Já não se caminha para a frente, mas avança-se para a retaguarda. O desenvolvimento parou, começou a regressão. Governa-se pelo *espelho retrovisor*.

Em esquema:



A este *outro lado da curva* (depois de passar o topo) chama-se *perder o tempo*, ou seja, perder a *oportunidade* de realizar a mudança.

Numa primeira etapa deste percurso, no seu início, ainda é possível, se bem que com dificuldade, *agarrar o tempo*: isto é, integrar-se na evolução já iniciada noutros lados, sofrendo, porém, as consequências e os custos desse atraso.³

Mas, ultrapassado um determinado ponto crítico, até mesmo, esta tentativa desesperada de não perder o *comboio civilizacional* se torna impossível: só resta a *morte organizacional*.

Nesta situação, quando uma sociedade se encontra do *outro lado da curva*, pode caminhar, mudar, entusiasmar-se, mas estará sempre a fazê-lo na direcção errada.

Surge, então, a segunda questão atrás colocada: o que fazer numa situação de transição e como preparar o seu aproveitamento positivo?

³- Quando os Portugueses se lançam para *fora da Europa*, iniciam uma curva civilizacional diferente. Alguns Países conseguem, uns mais rápidos do que outros, *agarrar esse tempo* que ia fugindo. Por exemplo, Espanha, Inglaterra, França e Holanda.

A possível solução a esta questão implica uma mudança metodológica no modo como os grupos sociais (a democracia) funciona, ou seja,

Lupa sobre a Democracia_Acto 14
.... morreu o consensus, viva o dissensus